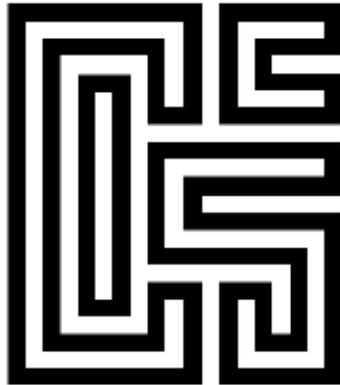


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

**As Irmãs Gêmeas: Comunicação e Incomunicação
Os meios da incomunicação**

Norval Baitello Júnior *

As Irmãs Gêmeas: Comunicação e Incomunicação

Quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, aumenta também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seu boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana. Assim, andam de mãos dadas e crescem juntas, como irmãs gêmeas, a comunicação e a incomunicação.

E, como não poderia deixar de ser, uma concorre com a outra pelo espaço vital de manifestação. Onde uma está, lá estará também a outra. Muitas vezes menosprezada e ignorada, mas sempre atuando, a irmã menos amada desfaz as trilhas, caminhos, elos e vínculos cuidadosamente abertos pela primeira. E, quanto mais esquecida, mais danosos serão seus atos, porque despercebidos, surpreendentes, porque tomam-nos todos de assalto e despreparados.

Quanto mais ressaltamos e nos orgulhamos dos bons serviços e das qualidades da comunicação, mais a incomunicação ganha força e ousadia, provocando estragos, desfazendo e desmontando, distorcendo e deformando, semeando discórdia e gerando falsas expectativas, invertendo sinais e valores, azedando as relações e produzindo estranhamentos incômodos.

Os Superlativos, As Hipérboles, As Megalomanias

Muitos são os nomes da incomunicação e muitos são os espaços em que está inteiramente à vontade. E é inútil pensar que ela age somente em surdina, nos bastidores e em silêncio. Sobretudo nos excessos é que ela se faz presente. No excesso de informação, no excesso de tecnologia, no excesso de luz, no excesso de zelo, no excesso de visibilidade, no excesso de ordem. Vivemos (e morremos) nos excessos do tempo e no tempo dos excessos. Os excessos do tempo trazem, por um lado, a aceleração, o estresse, a pressa, por outro, a desocupação, o desemprego, o tempo esvaziado. E o roubo do tempo: o tempo de vida que nos é roubado pelas cidades e seus excessos ou pela mídia e suas hipérboles.

Vivemos (e muito mais morremos) no tempo dos superlativos e das megalomanias da era do "verticalismo" (Harry Pross). A obsessão da vertical transformada em vida e da vida transformada em vertical impõe a cada um de nós uma luta permanente em direção ao mais alto. Embora o mais alto seja o nada, o vazio, o inóspito, o inabitável espaço; embora o mais alto seja a condição inalcançável dos deuses e dos seres celestiais imaginários, imateriais, sem corpo e sem humanidade, portanto, sem vida. Transformamos assim nossas vidas em uma linha vertical de aspirações e buscas abstratas. E medindo nossas vidas pela altura que alcançamos.

Talvez seja o verticalismo a obsessão mais poderosa do nosso tempo. E seus efeitos, devastadores por duas grandes razões. A primeira: a demolição da corporeidade e dos espaços que a abrigam; isto quer dizer, a destruição da realidade tridimensional por meio da transformação dos corpos em abstratos traços verticais. A segunda razão: a perda dos vínculos com o outro ser ao lado (uma vez que os vínculos elementares que constituem nossa natureza humana são necessariamente horizontais); isto quer dizer, a renúncia à capacidade de comunicar-se, abrindo os espaços para a livre escalada da incomunicação.

A Incomunicação

Foi Vilém Flusser quem descreveu o processo de perda crescente das três dimensões do espaço de comunicação do homem. Da comunicação corporal assim expõe o filósofo judeo-tcheco-brasileiro - que ocorre em três dimensões, passamos à comunicação por

imagens, em apenas duas dimensões, depois para a escrita, composta de traços unidimensionais, e finalmente à comunicação digital, com nenhuma dimensão. Agora, a partir da nulodimensão, começa o homem a reconstruir virtualmente as outras dimensões, conclui Flusser.

Teríamos que nos perguntar se essa redução drástica do espaço externo da comunicação, dos vínculos sociais, dos horizontes e das horizontais da sociabilidade, não estará correspondendo a uma redução dos espaços internos, a um estreitamento da comunicação consigo mesmo. Se estiver acontecendo esse temível estreitamento interno, estaremos diante de uma dupla manifestação dos efeitos devastadores da incomunicação.

Estaremos cortando nossos vínculos com os outros seres e estaremos cortando os vínculos conosco mesmos, vale dizer, estaremos rompendo os vínculos com o nosso passado e nossas histórias, com o nosso futuro e nossos sonhos. Mas, o que fica no lugar dos vínculos rompidos? Ficam os fantasmas dos vínculos. A eles é que damos os nomes de 'incomunicação'.

** Professor da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUCSP e da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Unisantos. Texto publicado no jornal Tribuna do Norte em 19 de janeiro de 2002.*